

## Ismarth justifica a emancipação do índio

Do correspondente em  
**MANAUS**

O presidente da Funai, general Ismarth de Araújo Oliveira, disse ontem em Manaus que o governo não pretende "tumultuar os valores tribais como muitos pensam" ao emancipar os índios, "mas sim torná-los conscientes para uma nova realidade, para a própria sobrevivência das comunidades indígenas" ele não concorda com a reação de antropólogos e sertanistas contra o projeto de emancipação do índio, "pois o que há é um pré-julgamento de que o governo deseja promover a desintegração do índio, o que é uma inverdade, até porque a Funai jamais faria algo que viesse a contrariar os interesses das comunidades tribais".

O general Ismarth sustentou que, de forma alguma, a Funai permitirá que "os índios esmolem ou que venham a receber ajuda em forma de esmolas". Segundo ele, a Funai tem vários projetos econômicos a serem implantados — ou em fase de implantação — em áreas indígenas e esses recursos, "dados como esmolas aos índios, bem poderiam servir de suporte financeiro a esses projetos, mas

nunca como migalhas". "Não podemos — acrescentou — permitir que um organismo (referindo-se diretamente às embaixadas estrangeiras em Brasília) possa ajudar as comunidades indígenas dando-lhes esmolas ou ajudas que só trazem problemas de ordem sociológica ao índio".

### JURUNA

O presidente da Funai afirmou ainda que o projeto de emancipação dos índios visa exatamente evitar esse mal, que já se alastra por quase todas as tribos do Xingú, e passou a analisar a atuação do cacique Mário Juruna, que na sua opinião é "mais branco do que índio".

Ismarth disse que a Funai pretende, com a emancipação, evitar que as demais tribos passem a sofrer o processo de desintegração tribal como o das que estão sob a tutela de Juruna. "Seria um absurdo se permitíssemos tal atitude — disse Ismarth, para criticar a atuação e a liderança de Mário Juruna — de sair por aí pedindo, embora reconheçamos que o índio não tem consciência do que isso representa para ele, em termos de

problemas graves, e para as comunidades indígenas".

### PROTESTO

Mas, durante a conferência que fez ontem à noite para os alunos da ADESG, sobre a problemática indigenista brasileira, o general Ismarth ouviu calado a leitura de uma moção de protesto dos universitários do Amazonas contra o projeto de emancipação dos índios. "Esse projeto dizem os estudantes, é um golpe de brutal violência contra o direito de autodeterminação das comunidades indígenas". O documento enfatiza que "a pretexto de emancipar o índio, o projeto visa a tomar as terras dos índios mais acessíveis à voragem dos grandes latifundiários e empresas multinacionais".

Os estudantes sustentam que o projeto constitui também a arma mais eficaz para exterminar a organização social e a cultura das comunidades indígenas, "pois a divisão em lotes individuais, como prevê o projeto, representa o fator mais poderoso de desagregação da unidade tribal". Os universitários acusam o ministro Rangel Reis, do Interior, ao forçar a aprovação do projeto, de ter "interesses específicos no execrado projeto; interesses ligados aos grandes latifundiários e multinacionais, os principais e únicos beneficiados com este projeto".